



“O monstro”, de Sérgio Sant’Anna: um exercício de análise semiótica

Inaura GUIMARÃES
(Universidade de Franca)

RESUMO: Analisamos o percurso do ator “Antenor” do conto “O monstro”, de Sérgio Sant’Anna, como sujeito pragmático e como sujeito cognitivo. Descrevemos também os efeitos de sentido criados no texto por meio do uso dos mecanismos de sintaxe e semântica discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: percurso; ator; enunciação; enunciado

RÉSUMÉ: *On analyse le parcours de l’acteur “Antenor” du conte “O monstro”, par Sérgio Sant’Anna, comme un sujet pragmatique et comme un sujet cognitif. De même, on décrit les effets de sens, qui sont créés dans le texte, par l’usage de mécanismes de syntaxe et sémantique du discours.*

MOTS-CLÉS: *parcours; acteur; énonciation; énoncé*

A leitura de “O monstro” é um desafio para o enunciatário que se percebe envolvido nas teias de um discurso complexo, do ponto de vista estrutural, pelo seu caráter plurissignificativo. Nesse sentido, optamos por fazer um recorte de leitura do texto, limitando-nos a alguns aspectos de sua estrutura narrativa e discursiva.

Valendo-nos de Greimas e Courtés (s/d:432), podemos afirmar que no nível da instância da enunciação existem certos procedimentos de produção de sentido que recebem o nome de discursivização, cujos subcomponentes como a actorialização, a temporalização e a espacialização possibilitam às estruturas narrativas serem inscritas em coordenadas espaço-temporais e permitem investir os actantes.

Barros (1990:54) observa que, no nível da sintaxe discursiva, “a enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espaço-temporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo de enunciação”. Tal operação é denominada desembregem. Há procedimentos argumentativos que definem o discurso como objeto de comunicação manipuladora entre o enunciador e o enunciatário. Enfim, o estudo das projeções da enunciação consiste em “verificar quais são os procedimentos utilizados para constituir o discurso e quais os efeitos de sentido fabricados pelos mecanismos escolhidos” (Barros, 1990:55).

O texto “O monstro” manifesta-se como um simulacro de uma entrevista concedida à revista *Flagrante* pelo professor de filosofia Antenor Lott Marçal e tem como ação central o assassinato da jovem Frederica Stucker, operado por Antenor e por sua namorada Marieta.

Em termos de sintaxe discursiva, o enunciador projeta três atores no texto. O primeiro deles é o editor da revista *Flagrante*, que introduz a narrativa, tecendo comentários em terceira pessoa sobre o crime, por meio do mecanismo de desembregem enunciativa. Desse modo, procura criar a ilusão de objetividade. O segundo ator que recebe delegação de voz é um repórter da revista, Alfredo Novalis, que se posta, portanto, como interlocutor de Antenor. Este, por sua vez, no papel de interlocutário, relata sua versão dos fatos a respeito do crime do qual participou e que constitui o objeto da entrevista.

Dessa forma, Antenor relata que numa tarde de sábado, passeando pela orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, Marieta de Castro, sua amante, encontrou-se com uma jovem muito bela, porém com grave problema visual e convidou-a para ir à sua casa. Frederica, era esse o nome da moça, aceitou o convite, mas antes telefonou ao pai avisando-lhe que iria até a casa de uma amiga e que, portanto, chegaria mais tarde. Chegando à casa, lá estava o amante de Marieta, Antenor Lott Marçal. Depois das apresentações, aos poucos, foi-se instalando um clima de intimidade e confiança entre eles. Frederica, uma moça com deficiência visual, imperceptivelmente, foi-se deixando enredar nas teias de uma relação caracterizada pela possessão e pelo ciúme; tal era a relação que se dava entre Antenor e Marieta. Até que a mistura de bebida alcoólica, calmante, éter e cocaína, culminou em violência sexual: a vítima, Frederica, anestesiada e drogada, foi, enfim, abatida pelo casal, que, posteriormente, abandonou o corpo da jovem em um matagal do Recreio dos Bandeirantes, no Rio de Janeiro.

Antenor conta que depois do crime, tentaram seguir a vida, mas alguns dias depois, sentindo-se muito incomodado e sem coragem de enfrentar seus alunos, na volta às aulas, após as férias de julho, avisou Marieta de sua decisão de se entregar à polícia. Marieta, imediatamente se suicida e Antenor fica sabendo da morte dela quando

prestava depoimento na delegacia. Julgado e condenado a trinta anos de prisão, já cumprindo pena na Penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro, Antenor concede à revista *Flagrante* a entrevista da qual o texto de Sant'Anna é o simulacro.

Assim, como sujeito cognitivo, Antenor dá sua versão dos fatos, e é por meio dela que descrevemos alguns dos programas narrativos do texto. Seleccionamos alguns excertos de sua entrevista que apóiam essa descrição.

Observamos, portanto, que, no dia do encontro na casa de Marieta, Antenor se deixa manipular pela amante, que oferece a ele valores positivos: Marieta o abraça carinhosamente, pede a ele que providencie vinho e salgadinhos, sugere que Frederica tome banho, pois quando se conheceram caminhavam pela lagoa Rodrigo de Freitas, mas deixa a porta aberta enquanto ajuda Frederica a se enxugar, com a intenção de que o amante a observe. Em seguida, toma banho enquanto Frederica seca os cabelos. Percebe-se que na versão dele é como se a amante lhe tivesse oferecido o objeto para lhe despertar o desejo:

FLAGRANTE: E como o senhor se sentia observando a moça?

ANTENOR: Além de muito excitado, eu me sentia comovido. Pois Frederica, completamente nua, não se olhava no espelho para secar os cabelos, como faria uma mulher com a visão normal. Ali de pé, no centro do banheiro, de frente para mim, era como se ela ocupasse um espaço próprio e olhasse para dentro de si mesma, séria, compenetrada, sem qualquer afetação ou consciência da sua beleza, de que pudesse estar sendo objeto do amor e cobiça de outros olhares (Sant'Anna, 2004:53).

Desse modo, Marieta, como sujeito manipulador, teria levado o amante à performance de possuir a jovem. Ocorre, assim, um programa de aquisição porque Antenor possui sexualmente Frederica. Marieta, por sua vez, realiza-se indiretamente, por meio da posse do objeto realizada pelo amante:

Marieta mantinha a almofada contra o rosto de Frederica e gritou para mim: “O que você está esperando?” [...] “Vem cá e come ela de uma vez”. [...] Ela já recuperara o comando da situação e fizera de mim o seu cúmplice. E não sendo, estritamente, uma homossexual, a única forma de consumir a posse completa de Frederica, satisfazer uma voracidade sem limites, era através de um homem, através de mim. Enquanto isso acontecia, ela nos rondava, nos tocava, ao mesmo tempo que satisfazia a si própria, avidamente (Sant'Anna, 2004:61).

Antenor realiza vários programas narrativos de uso, provando ter aceitado o contrato estabelecido com Marieta: prepara a mesa, dança com Frederica, para depois de sedar a jovem, possuí-la, sempre manipulado pelo desejo da amante, como ele sugere. Participa, em seguida, de seu assassinato, de acordo com sua perspectiva, não premeditado. O contrato estabelecido entre ambos revela o grau de cumplicidade que existia entre eles que se entendiam até por meio do olhar e dos gestos.

É o que se nota quando Antenor relata que, estando os dois no banheiro, ele olha para os comprimidos de calmante e entende o desejo da amante de que deveria colocá-lo na bebida de Frederica.

Sugerindo que se deixaram levar pela bebida e pelas drogas, realizam a performance do estupro e do assassinato da jovem: a cada vez que Frederica

manifestava voltar a si, colocavam mais éter em suas narinas até levá-la à morte. Quando se deram conta de que a assassinaram, Antenor e Marieta tiveram que se livrar do corpo da moça que se tornara um anti-objeto, como se nota no excerto a seguir:

Marieta era calculista de riscos, profissional. Já recuperara inteiramente a razão e devia saber que a única saída era essa. E com certeza fazia questão de que eu participasse diretamente do crime. Eu agia como um autômato [...] mas não há desculpas. Eu deixei Frederica morrer. Eu a matei com Marieta. [...] desligou o toca discos e disse que eu fosse me arrumar, pois tínhamos de sair para dar um jeito no corpo (Sant'Anna, 2004:64).

Depois do crime, Antenor, sujeito em estado de angústia, resolve entregar-se à polícia, tornando-se disjuncto do objeto valor "liberdade". Por outro lado, leva Marieta a entrar em disjunção com o objeto-valor "vida".

A partir desses fatos, percebe-se, por conseguinte, que Antenor, questionando o valor de seus valores, não se sente com coragem de recomeçar uma vida normal, dar aulas de filosofia, enfrentar os alunos e a sociedade, pois toma consciência do crime que cometera. Desse modo, resolve confessar-se à polícia, o que conduz Marieta ao suicídio:

[...] eu lhe telefonei, para o trabalho, avisando que iria apresentar-me à polícia naquela hora mesmo. Daí a poucos dias as aulas recomeçariam e eu não me sentia capaz de encarar os alunos, falar de filosofia etc. [...] Eu estava numa sala com policiais que me deram a notícia (Sant'Anna, 2004: 76).

Pode-se observar, portanto, que o enunciador, ao atribuir voz a Antenor, por meio do mecanismo de desembreagem interna, no simulacro de entrevista que constitui o texto, cria o efeito de sentido de verdade, instaurando a impressão de "situação 'real' de diálogo" entre Antenor e Alfredo Novalis (Barros, 1988:76). Desse modo, o enunciatário "coletividade", simulacro do leitor, entra em conjunção com a versão do crime monstruoso, do ponto de vista de Antenor, criando-se ainda, no texto, o efeito de sentido de subjetividade.

Logo, o enunciador, ao aproximar-nos da cena enunciativa, faz-nos refletir sobre a figura do "monstro" atribuída ao ator. Dessa perspectiva, é interessante destacar as alusões a tal figura no texto. A primeira se manifesta na seguinte declaração de Antenor ao comentar o crime: "O fato é que se você tiver a psicologia de uma criança em um adulto dotado de força e inteligência, eis o monstro." (Sant'Anna, 2004:73)

Como sujeito cognitivo, Antenor, no presente da narração, é, pois, capaz de associar a figura do monstro ao adulto que conserva a onipotência infantil. Os traços semânticos "crueldade", "egoísmo", "desconhecimento dos limites", característicos da imaturidade emocional da criança, aliados ao poder físico do adulto, seriam responsáveis pela configuração da figura "monstruosa" do ator. Por outro lado, vale atentar para o seu comentário sobre a sanção da coletividade, que também o qualifica como monstro:

FLAGRANTE: E como o senhor vê aquela mesma qualificação atribuída ao senhor?

ANTENOR: A de monstro? Certo, há o crime monstruoso que cometi. Mas as pessoas dizem isso também por causa da suposta frieza com que confessei tudo. Talvez todos

sentissem menos confundidos se eu me desse o mesmo fim que Marieta ou me refugiasse em justificativas ou mentiras. Se eu me mostrasse desesperadamente arrependido. Mas isso, sim, seria escamotear a verdadeira face desse drama. Não que eu me absolva do que cometi, muito pelo contrário. Simplesmente não quero dissociar-me dos meus atos. Da pessoa que fui, da que me tornei a partir daquilo que fiz. Do meu destino trágico (Sant'Anna, 2004:74).

Reconhecendo seu ato como monstruoso, Antenor leva o enunciatário a refletir, portanto, sobre o seu “destino trágico”, o de um sujeito, cujo papel temático é ironicamente o de um “professor de filosofia” que não quer se dissociar de seus atos. Nesse sentido, quer fazer crer que a frieza, a ele atribuída de forma maniqueísta pela coletividade, só se dava ao nível do parecer. Revelando-se, pois, um sujeito modulado por emoções, no desenlace da história, tece o seguinte comentário:

O cristianismo vê também a dor dos assassinos como eu, a terrível singularidade de haver cometido uma ação odiosa. Há, então, o meu próprio e terrível sofrimento, a minha solidão que, espero ardentemente, construa o meu caminho pessoal para a transcendência (Sant'Anna, 2004:80).

Aproximando-se, portanto, da postura do cristianismo, Antenor quer fazer crer na possibilidade da remissão da culpa pelo sofrimento e solidão dos quais se libertaria na esfera transcendental. Assim, como podemos observar, enquanto sujeito cognitivo, utiliza-se de seus conhecimentos de filosofia e de psicologia, para manipular o enunciatário, fazendo-o crer em seu discurso. É importante destacar que, hábil no relato dos fatos, ao assumir a culpa, iluminado pela razão, pela lógica, faz com que a sensação de horror, provocada pelo bárbaro crime, progressivamente vá sendo diluída com a narração de sua “verdade”. Assim, leva o enunciatário a relativizar o papel temático de “monstro” a ele atribuído de forma maniqueísta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
_____. *Teoria do discurso*. São Paulo: Atual, 1988.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística I*. São Paulo: Contexto, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- SANT'ANNA, Sérgio. *O monstro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Como citar este artigo:

GUIMARÃES, Inaura. “O monstro”, se Sérgio Sant’Anna: um exercício de análise semiótica. **Estudos Semióticos**. [online] Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editor Peter Dietrich. Número 4, São Paulo, 2008. Acesso em “dia/mês/ano”.
